

Tradução por AN, edição por AN/CN, 7.12.2016

(original em: <http://inter.kke.gr/en/articles/SPEECH-of-Giorgos-Marinos-member-of-the-PB-of-the-CC-of-the-KKE-at-the-18th-INTERNATIONAL-MEETING-OF-COMMUNIST-AND-WORKERS-PARTIES/>)

A crise do capitalismo e a ofensiva imperialista

Guiórgos Marinos¹

(extractos)

Caros camaradas,

(...)

A crise capitalista mundial sincrónica de sobreacumulação do capital, que se manifestou em 2008-2009, continua a marcar hoje os acontecimentos. As suas causas encontram-se na propriedade capitalista dos meios de produção, no objectivo do lucro que é a força motriz do desenvolvimento anárquico da produção, na agudização da contradição fundamental entre o carácter social da produção e do trabalho e na apropriação capitalista dos seus resultados.

As forças burguesas e oportunistas silenciam as verdadeiras causas da crise e põem em relevo factores como, por exemplo, a gestão neoliberal, os bancos e os banqueiros. Isto provoca a confusão e cria ilusões sobre a possibilidade de uma gestão do capitalismo em favor do povo.

A realidade é que, independentemente do facto de a sua origem ser associada quer a perturbações do sistema bancário e financeiro, quer a «bolhas», quer a outros fenómenos semelhantes, a crise nasceu no processo produtivo no terreno da exploração do trabalho assalariado pelo capital.

(...)

A análise por parte dos comunistas das verdadeiras causas da crise, assim como do carácter de classe do desenvolvimento do capitalismo, adquire a maior importância para a preparação do movimento operário e popular e a intensificação da luta de classes, permitindo que a classe operária compreenda a importância da organização socialista da produção, como a única via para erradicar as causas da crise e da exploração capitalista.

¹ Discurso de Guiórgos Marinos, membro da comissão política do comité central do KKE, sobre o tema: «*A crise do capitalismo e a ofensiva imperialista - estratégia e tácticas dos partidos comunistas e operários na luta pela paz, pelos direitos dos trabalhadores e dos povos, pelo socialismo*», proferido no XVIII Encontro Internacional de Partidos Comunistas e Operários, realizado em Hanói, Vietname, de 28 a 30 de Outubro de 2016. Na tradução dos extractos que apresentamos foram consultadas as versões em inglês, francês e português, disponíveis na íntegra no site do Partido Comunista da Grécia (<http://inter.kke.gr/>). (N. Ed.)

(...)

Ficou demonstrado, pelo exemplo do SYRIZA e por muitos outros exemplos, que os chamados «governos de esquerda» são um aparelho instrumento da gestão e a reprodução da exploração capitalista. Semeiam ilusões sobre a humanização do capitalismo e criam uma perigosa expectativa de que os problemas das massas populares podem ser resolvidos e as suas necessidades satisfeitas nas condições da exploração capitalista.

A experiência demonstra que estes governos impedem o verdadeiro radicalismo da classe operária. A sua política antipopular desacreditou-os aos olhos do povo, reforçando as opiniões de que «são todos iguais». As suas políticas fortalecem as forças conservadoras e levam ao regresso de governos de direita.

Os exemplos de «governos de esquerda» na Europa, assim como nos países da América Latina, confirmam esta avaliação.

Os partidos comunistas que participam ou apoiam governos burgueses fornecem um alibi à social-democracia. A sua postura é usada, de muitas formas, para encurralar a classe operária no quadro da gestão capitalista, para reduzir as reivindicações das massas e atrasar a luta anticapitalista.

(...)

As opiniões (no interior do movimento comunista internacional) que subestimam a linha da luta antimonopolista e anticapitalista, e a necessidade de uma preparação completa para o derrube do capital, não têm em conta a possibilidade de agudização dos acontecimentos e da emergência de uma situação revolucionária, que, enquanto fenómeno objectivo, pode desenvolver-se numa situação de crise capitalista e guerra imperialista.

Temos de aprender com a experiência histórica que demonstra que partidos comunistas mal preparados para as condições da escalada da luta de classes foram incapazes de cumprir as suas tarefas históricas.

(...)

Caros camaradas,

É bem conhecido que o movimento comunista enfrenta uma crise política, ideológica e organizativa; está gravemente afectado pela contra-revolução e pela forte influência do oportunismo nas suas fileiras.

Com a restauração do capitalismo na União Soviética e nos estados que construíam o socialista na Europa de Leste e Central, a predominância das relações capitalistas de produção na China, o reforço das relações capitalistas no Vietname e em Cuba, as condições na República Popular Democrática da Coreia, a situação do movimento comunista internacional deteriorou-se.

Nestas condições, a luta pelo reagrupamento do movimento comunista internacional é uma tarefa de importância decisiva. O KKE considera que é necessário iniciar uma discussão sobre os graves problemas de estratégia e de tática, salientando que qualquer atraso agrava a situação e coloca graves perigos.

Primeiro, os comunistas devem centrar a sua atenção na questão do imperialismo, pois é um assunto de debate mais geral.

Segundo a teoria leninista, o imperialismo é a fase superior do capitalismo, em que dominam os monopólios e o capital financeiro e onde a exportação de capitais adquiriu uma importância particular. Neste quadro, há uma luta entre os diversos monopólios e estados capitalistas pela partilha dos mercados.

A posição que limita o imperialismo à política externa agressiva dos EUA, ou de outros estados capitalistas poderosos, não tem em conta a base económica do sistema na nossa época, os monopólios e as grandes sociedades anónimas que se desenvolveram e se estão a desenvolver em todos os países.

Consideramos que esta tese não tem uma visão global do sistema imperialista (capitalista) tal como existe, com os estados capitalistas como elos da cadeia, diferindo uns dos outros devido ao desenvolvimento desigual, cada um deles com uma posição diferente no sistema, com relações de interdependência desigual em função da sua força económica, militar e política.

Segundo, devemos tratar a questão do carácter da nossa época e o carácter da revolução. Esta questão é de uma importância decisiva.

Vivemos no século XXI, o poder burguês derrubou o feudalismo há muitos séculos. O capitalismo desenvolveu-se e, na sua fase imperialista, levou a uma socialização generalizada da produção e do trabalho, cujos frutos são colhidos pela classe burguesa.

(...)

É inegável que amadureceram as condições materiais, determinando que o carácter da nossa época é o da passagem do capitalismo ao socialismo.

(...)

A contra-revolução e a mudança negativa na correlação de forças não alteram o facto de que o socialismo foi construído, e não alteram o carácter da nossa época, inaugurada pela Revolução de Outubro, como a era da passagem do capitalismo ao socialismo.

(...)

Em muitas ocasiões faz-se referência à tese de Lênine sobre a «ditadura revolucionária-democrática do proletariado e do campesinato», a fim de justificar a ideia obsoleta das etapas intermédias. Deve esclarecer-se que aquela tese correspondia às condições da Rússia tsarista durante a revolução de 1905. Depois do derrube da autocracia, o partido bolchevique avançou e trabalhou nos soviets com o objetivo da conquista revolucionária do poder pelos operários, a ditadura do proletariado (*Teses de Abril*, 1917).

Consequentemente, a celebração do 100.º aniversário da grande Revolução Socialista de Outubro deve dar um impulso para o exame da estratégia dos partidos comunistas, com vista à sua adaptação às necessidades da nossa época, à orientação leninista, traduzida na força da revolução bolchevique e, como Lênine sublinhou, para que «a abolição do capitalismo e dos seus vestígios e o estabelecimento das bases do regime comunista constituam o conteúdo da nova era da história mundial que acaba de começar». («Sobre a luta no seio do Partido Socialista Italiano», V.I. Lênine, *Obras*, edição em francês, t. 31, p. 407)

Terceiro, os estados capitalistas participam em alianças imperialistas para servirem eficazmente os interesses das classes burguesas na competição capitalista internacional, para suportar o poder do capital e enfrentar o movimento operário de forma coordenada.

Estas alianças entre estados não podem negar a organização do Estado-nação e as contradições inter-imperialistas que se manifestam dentro das próprias alianças, visto que cada estado capitalista funciona na base dos interesses dos seus próprios monopólios.

(...)

O nosso partido afirma que a necessária condenação da UE e da NATO e a luta pela desvinculação de cada país das organizações imperialistas, para serem eficazes, têm que estar ligadas ao necessário derrube do poder do capital pelo poder do povo trabalhador. A aliança social da classe operária e dos outros estratos populares, o reagrupamento e o fortalecimento do movimento comunista internacional são condições prévias para abrir caminho a esta perspectiva de esperança.

Nas condições actuais, as alianças entre estados não se confinam à NATO e à UE. Ao lado delas, temos, por exemplo, os BRICS, a Organização de Cooperação de Xangai, a Organização do Tratado de Segurança Colectiva, as uniões entre estados na América Latina, etc. As diferenças que existem decorrem da posição que os estados capitalistas ocupam no sistema imperialista e dos objectivos das respectivas classes burguesas. Contudo, há uma base comum que é determinada pelo facto de que, nestas alianças entre estados, participam estados capitalistas que representam os interesses dos monopólios.

(...)

Nos últimos anos, o chamado mundo «multipolar» tem sido apresentado como um processo favorável ao povo, mas esta questão deveria ser examinada mais atentamente, porque, na essência, ele é constituído por «pólos» capitalistas, que se formaram para defender os interesses dos grandes grupos monopolistas e são uma expressão das contradições inter-imperialistas.

A tarefa dos partidos comunistas é estarem na linha da frente e abrirem um caminho para que os povos não sigam as bandeiras de qualquer classe burguesa, de qualquer aliança imperialista, para que desenvolvam a sua luta em função dos seus próprios interesses e necessidades.

Quarto, os últimos anos foram marcados pelas intervenções e guerras da NATO, dos EUA e da UE na Jugoslávia, no Afeganistão, no Iraque, na Líbia, na Síria, na Ucrânia e em estados africanos.

Um traço característico das intervenções e guerras imperialistas é o uso de uma série de pretextos, entre os quais se destacam a luta contra o terrorismo, o confronto com a organização criminosa do Estado Islâmico e outras organizações semelhantes, que são na verdade criações imperialistas apoiadas pelos EUA, pelos estados fortes da UE, pela Turquia, pelo Qatar e pela Arábia Saudita, a fim de promoverem os seus interesses no Médio Oriente, no Norte de África e numa região mais vasta.

A nossa tarefa consiste em sublinhar as verdadeiras causas das guerras. Essas causas encontram-se nas contradições e nos antagonismos inter-imperialistas que se manifestam por todo o planeta entre os EUA, a NATO, a UE, a Rússia, a China, outros estados capitalistas, pelos recursos energéticos e pelas vias de transporte, pelas regiões estrategicamente importantes e rotas marítimas, pelo controlo dos mercados.

(...)

O movimento comunista enfrenta importantes tarefas e tem que alargar a discussão sobre a posição dos comunistas em relação às guerras imperialistas, especificar os critérios e o importante papel das guerras revolucionárias justas.

(...)

Quinto, o KKE, no quadro do seu longo estudo relativo à análise das causas e factores que levaram ao derrube do socialismo, concluiu que a contra-revolução na URSS proveio «do interior e de cima», em resultado da mutação oportunista do movimento comunista e da respectiva direcção política do poder soviético, num ambiente de intervenções multifacetadas do imperialismo, que levaram ao desenvolvimento do oportunismo e da sua evolução para uma força contra-revolucionária.

O derrube do socialismo esteve relacionado com o utilização de instrumentos capitalistas para fazer face aos problemas da construção socialista.

A construção do socialismo começa com a conquista revolucionária do poder pela classe operária e o modo comunista de produção cria-se através da socialização dos meios de produção concentrados, do planeamento central, da formação de instituições de controlo operário.

A luta de classes da classe operária continua noutras condições e com outras formas, tanto no período em que se constroem os alicerces da nova sociedade, como durante o desenvolvimento do socialismo, numa luta permanente para erradicar todas as formas de propriedade privada e de grupo, para alargar a propriedade social e fortalecer o planeamento central, as relações de produção comunistas.

É nossa convicção inabalável que as posições que falam de diversos «modelos de socialismo», em nome de especificidades nacionais, não se inscrevem no quadro dos princípios do socialismo científico e das leis da construção socialista.

Infelizmente, isto não está relacionado apenas com a moldura pequeno-burguesa/social-democrata do chamado socialismo do século XXI, que alimenta ilusões quanto à capacidade do capitalismo de se humanizar e perpetua o poder burguês e a exploração capitalista, conforme é demonstrado pelos desenvolvimentos, por exemplo, na América Latina.

O problema é mais profundo.

Há uma tentativa de substituir a necessidade da revolução socialista pela via do parlamentarismo burguês, através da gestão dos «governos de esquerda». Um sistema de economia mista com empresas capitalistas substitui a socialização dos meios de produção. A intervenção do Estado para regular o mercado capitalista substitui o planeamento central.

Estas posições nada têm a ver com os restos do antigo sistema (capitalista) na nova economia socialista, ou com a pequena produção de mercadorias que pode continuar a existir por algum tempo (e é uma força de conservação ou ressurgimento do capitalismo). Elas estão relacionadas com uma linha política específica que se afasta das leis do socialismo, encabeçada pela perigosa posição segundo a qual o socialismo pode ser construído com empresas capitalistas, em presença do capital, o que representa uma relação social de exploração.

Caros camaradas,

A grande Revolução Socialista de Outubro é um marco histórico, uma magnífica criação da classe operária, da luta de classes.

O socialismo que foi construído no século XX, apesar das fraquezas, dos erros, das influências oportunistas e dos desvios, caracteriza-se pelo feito histórico da abolição da exploração do homem pelo homem, graças ao poder dos trabalhadores, à socialização dos meios de produção, ao planeamento central e ao controlo operário, à participação de milhões de trabalhadores na construção da nova sociedade.

(...)

A contribuição histórica do socialismo para o progresso social, assim como o estudo das verdadeiras causas que levaram ao seu derrube, deve motivar os partidos comunistas, os comunistas de todo o mundo, a fim de elevar o nível de exigência e responder decisivamente às forças da reacção anticomunista e do oportunismo, que aplaudiram e apoiaram a contra-revolução, como foi o caso daqueles que posteriormente fundaram o Partido da Esquerda Europeia (PEE) e outras redes semelhantes.

Os comunistas acreditam na força da classe operária, na luta de classes que é a força motriz do desenvolvimento social. O carácter internacional da luta de classes exige que façamos os maiores esforços possíveis criar as bases para conquistar a unidade programática e ideológica e uma estratégia revolucionária unificada em conflito com o capital, com o sistema de exploração, com o oportunismo.

(...)